



R.B186,607



*Presented to the*  
**LIBRARY of the**  
**UNIVERSITY OF TORONTO**  
*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**



Digitized by the Internet Archive  
in 2012 with funding from  
University of Toronto

<http://archive.org/details/poemalisboaresta00oliv>



1737

P O E M A  
LISBOA RESTAURADA  
PELO GRANDE, E INCOMPARAVEL REY  
**DOM JOZE' I.**  
• DE SAUDOSA MEMORIA,  
OFFERECIDO  
A' MUITO ALTA, E MUITO PODEROSA SENHORA  
**DONA MARIA I.**  
RAINHA DE PORTUGAL N. SENHORA,  
HEROINA DOS NOSSOS SECULOS,  
E SUA PRECLARISSIMA FILHA,  
&c. &c. &c.



L I S B O A ,

Na Offic. de FERNANDO JOZE' DOS SANTOS.  
Anno de M.DCC.LXXXIV.  
Com licença da Real Meza Censoria.



MUITO ALTA, E MUITO PODEROSA  
RAINHA, E SENHORA NOSSA.

O LOUVAR, e escrever a vida, e as  
accoens dos Heroes contemporaneos, he um modo  
de agradecer-lhe as suas fadigas, e os seus disve-  
los, querendo recommendar á posteridade os seus  
nomes, para que o tempo devorador naõ lhes usur-

pe o respeito , que merecem. Sem esta prevençāo ,  
que primeiro de todos praticou Homero cantando os  
valorosos feitos de Ulysses , e de outros grandes  
Homens , ficarião seus nomes sepultados , e as suas  
accoens famosas com elles mesmos , como succedeu a  
muitos Heroes da antiga Grecia , que lhe precede-  
raõ. Eu me propuz SÉRENISSIMA SE-  
NHORA o fazer este pequeno elogio á memo-  
ria do Grande Rei , do Incomparavel Rei , o Se-  
nhor D. JOZE<sup>o</sup> I. Augustissimo Pai de V.MA-  
GESTADE , a quem a maõ Divina repartio a-  
bandantemente as virtudes com que resplandeceu na  
terra , e agora em melhor Throno lhe dá o seu ver-  
dadeiro premio. E supposto que o seu Preclaro No-  
me , e as suas Egregias Accoens tem enchido o Mun-  
do de admiraçāo , e de respeito , todos os cultos , e  
todos os louvores lhe saõ devidos. Tantas vezes o  
suspiro desta empreza a que me atrevia , e o amor  
com que desejava mostrar as obrigaçōens de bum  
fiel Vassallo , lutaraõ no meu coraçāo , quantas a-  
quellas em que os meus dedos tremulos largaraõ a  
peuna increpando a temeridade do meu sogeito ; po-  
rém em fim vencendo o combate o amor , e a gra-  
tidaõ , pude fazer este pequeno Poema , que tenho  
a honra de offerecer a V. MAGESTADE. Ful-  
go que a V. MAGESTADE lhe será agradavel  
o ver

o ver (supposto que em tosca , e grosseira Rima )  
elogiadas as acçoens do seu Soberano Pai , de quem  
*V. MAGESTADE* be huma fiel Copia . Digne-  
se *V. MAGESTADE* olhar benignamente para  
este meu obsequio , perdoando o meu atrevimento ,  
cujo perdão imploro com aquella reverente submiçao ,  
qual deve ser a de hum

Fiel , e humilde Vassallo

*Vicente Carlos de Oliveira.*



# LISBOA RESTAURADA ARGUMENTO.

**E**xpoem-se deste Imperio Lusitano.  
O principio , nos seculos primeiros ,  
Em que apartado do poder Hespano ,  
Acclamou seus Monarcas verdadeiros :  
Dos Mouros a expulsaō , e o grande danno ,  
E os successos do Reino derradeiros :  
Quando , o Grande JOZÉ , toma o governo ,  
Com que deixou no mundo bum nome eterno.

## CANTO PRIMEIRO.

**E**u canto o nome , as acçoeens , a gloria  
Daquelle grande Rei dos Lusitanos ,  
Jozé Primeiro , de immortal memoria ,  
Modello dos mais inclitos Soberanos :  
Sua fama occupando a longa historia ,  
Do tempo gastador naō teme os damnos ;  
Nem terá já poder nenhuma idade  
Para enxugar dos olhos a saudade.

## II.

Heroes antigos , que de acçoens famosas ,  
 Encheistes todo o circulo da terra ,  
 Merecendo cingir ramas frondosas ,  
 Premios de paz , e distinçoens da guerra :  
 Mais sublimes acçoens , mais portentosas ,  
 Do meu egregio Heroe a vida incerra ;  
 Que em piedade , e valor , benigno , e justo ,  
 Foi mais que Tito , transcendeo Augusto.

## III.

Rainha Excelsa : a sábia providencia ,  
 O seu amado Imperio vos destina ,  
 No qual com santas Leys , doce clemencia ,  
 Dais primeiro os exemplos que a doutrina :  
 Influí nos meus versos a vehemencia ,  
 Da vossa luz , que a todos illumina :  
 Porque o meu Canto taó acorde seja ,  
 Que ao Musico da Thracia faça inveja .

## IV.

## IV.

E vós sublime Rei , que em Throno eterno  
 Residis , entre as santas gerarquias ;  
 A quem deu o Monarca sempiterno ,  
 O digno premio , das virtudes pias :  
 Lá desse assento fulgido , superno ,  
 De que vedes d'hum golpe as Monarquias ,  
 Vede a grande prudencia , sábia , e justa ,  
 Com que nos rege a vossa filha Augusta.

## V.

Facundas Deosas , que na clara fonte  
 De Hypocrene , bebeis altos conceitos ,  
 Descei agora do elevado monte ,  
 Dai-me outra vez os metricos preceitos ;  
 Antes que ao grande empenho me remonte ,  
 Benignas emmendai os meus defeitos ,  
 Torne a tocar a maõ cançada minha ,  
 As cordas d'ouro , que deixado tinha.

## VI.

Cingime a fronte de Apolinea rama ,  
 Formosa Herato , antiga protectora ,  
 Accendei no meu peito a doce chamma ,  
 Que ardendo vorásmente , naó devóra :  
 Se o voffo nobre influxo se derrama ,  
 Sobre o meu coraçaõ , a voz sonora ,  
 Nas leves azas do ligeiro Eólo ,  
 Será levada d'hum a outio Pólo .

## VII.

Naó me leva a vaidade a esta empreza ,  
 Pois defícil meu vôo reconheço ;  
 He mil vezes maior sua grandeza ,  
 Que a minha debil força que confessô :  
 Amor estes meus cultos tanto préza ,  
 Que as suas Leys me impoem , eu lhe obedêço :  
 Seja por mim o Grande Rei louvado ,  
 Da Patria o Pai , restaurador do Estado .

## VIII.

## VIII.

Meus ombros tremem com tão grande pezo ,  
 O qual sómente Atlante sustentará ,  
 Mas o fogo de amor no peito accezo ,  
 Me propoz esta idéa em tudo rara :  
 Eu o conservo de tal forma illezo ,  
 Que com gosto infinito procurara ,  
 Se ouvissem seus louvores singulares ,  
 Entre os Astros brilhantes sublunares .

## IX.

Jaz o soberbo , Lusitano Imperio ,  
 Na terra Occidental que o Sol esconde ,  
 Para ver em nascendo outro hemispherio ,  
 Que do globo igualmente corresponde :  
 Seus póvos marciaes louvou Tiberio ,  
 E Pompeo os temeu , nos campos aonde ,  
 Aos valentes Cajados Lusitanos ,  
 Cederaõ os Exercitos Romanos .

## X.

## X.

He bem no meio da temperada Zona,  
 Em que a fria estaçao não he agréste ,  
 Mimo de Ceres , gloria de Pomona ,  
 Hum florido matís a terra veste :  
 Seu precioso clima em tudo abona ,  
 A providente maõ , sábia , e Celeste ,  
 Que immensos dons lhe deu , quanto convinha ,  
 A quelle Reino , que escolhido tinha.

## XI.

O manso Téjo , seu fecundo rio  
 Vastíssimas campanhas fertiliza ,  
 D'outros tem o soberbo senhorio ,  
 Que das suas correntes se utiliza  
 Nas suas margens pelo secco Estio ,  
 O luzente metal se lhe divisa ,  
 Que leva por tributo em rica aréa ,  
 Para os muros antigos de Ulysséa.

## XII.

## XII.

Do mundo as quâtro partes descubertas,  
 O cóllo docemente lhe presentaõ ,  
 Os áridos Certoens ; terras desertas ;  
 Do seu gostoso jugo naõ se izentaõ ;  
 Nas ondas inconstantes , onde incertas  
 As maritimas rezes se apascentaõ ;  
 O Rei dos verdes mares , reverente ,  
 Sujeita ao luzo Imperio , o seu Trydente.

## XIII.

Os barbaros tostados Africanos ,  
 Sujeitaõ os seus nitidos alfanges ;  
 Os Guerreiros mitrados Persianos ,  
 A formidavel força das phalanges ;  
 Rubicundo coral dos Indianos ;  
 As riquissimas perolas do Ganges ;  
 Odoriferas terras de Sabéa ;  
 Tudo , ó Grande Monarca , Senhorê a.

## XIV.

## XIV.

Nas letras , e nas armas eminente ,  
 Grande valor , e sciencia , tem mostrado  
 Invenciveis na guerra as suas gentes ;  
 Em sábios Escritores seu Estado :  
 Nas Artes prompto , nas acçoeis prudentes ;  
 He no mundo o seu nome respeitado ;  
 Os grandes Generaes , e os Escritores ,  
 Tem merecido aplausos , os maiores.

## XV.

A santa Ley de Christo , se conserva ;  
 Sempre intacta dos seculos primeiros ,  
 No santissimo Culto , que se obserya ,  
 Os respeitou a Igreja , sempre inteiros .  
 Nunca o erro os manchou , nem a protérvia ,  
 Opiniaó dos Ritos verdadeiros ,  
 Os seus Monarcas tem por distintivo ,  
 O nome de Fieis superlativo .

## XVI.

## XVI.

Suas veleiras quilhas se atreverão ,  
 A abrir dos mares , nunca visto seio ;  
 O Cabo tormentoso combaterão  
 Sem susto de perigo , nem receio ;  
 As Costas Melindanas conheceraõ ;  
 E do Indo as correntes , e dalli veio ,  
 A singular ardente especiaria ,  
 De que a fertil Europa naõ sabia.

## XVII.

A Santissima Ley , que no Calvario ,  
 Foi com sangue de hum Deos certificada ;  
 Ao Pagaõ , e infiel , nos cultos vario ,  
 Foi pelo santo zello promulgada ,  
 Trocou-se o vil pagode em Santuario ;  
 Imprimio-se a doutrina sem espada ;  
 E os seus póvos , Idólatras antigos ,  
 Foraõ dos proprios Deoses inimigos.

## XVIII.

Tú grande Manoel , que em santa Glória ,  
 Gozas o premio : ardente em merecello ,  
 Fazendo a Ley de Christo taõ notoria ,  
 Quanto em ti se inflammava o santo Zello ,  
 Por Catholico amor , naó por vangloria  
 De abominaveis Idolos flagello ;  
 Arvoraraó a Cruz , os teus Soldados ,  
 Pelos confins remotos , e ignorados.

## XIX.

O Conde D. Henrique , foi primeiro  
 Senhor dos vastos Campos Portuguezes ,  
 Em armas , esforçado Cavalleiro ,  
 Oriundo de Alemães , ou de Francezes :  
 Era grande Varaõ , sábio , e guerreiro ,  
 Que derrotou em campo muitas vezes ,  
 Com forças desiguaes , tropas pequenas ,  
 Formidaveis esquadras Serracenas.

## XX.

## XX.

Inundavaó as Luas Africanas ,  
 Das Provincias do Reino a maior parte ,  
 Dominando nas terras translaganas ,  
 As quaes a Guadiana alli reparte ,  
 Gentes barbaras , torpes , inhumanas ,  
 Desprezo de Minerva , horror de Maite ,  
 Infames , fracos , perfidos , atrozes ,  
 E só para os Chriitãos sempre ferozes .

## XXI.

Descendentes de Agar , que sem cultura ,  
 Faltos de letras , faltos de noticia ,  
 Vivem contentes n<sup>o</sup> huma vida escura ,  
 Sem arte , sem industria , sem policia ,  
 Disciplina tyranna , horrenda , e dura ,  
 Tem nas leys , no governo , e na milicia ;  
 Vivendo de violencias , e rapinas ,  
 E causando aos seus vizinhos mil ruinas .

## XXII.

Mas veio o santo Affonso por castigo  
 Daquellas tropas crueis Ismaelitas ,  
 Que sem temer taó horrido inimigo ,  
 Acçoens o seu valor fez infinitas.  
 Os póvos , resgatou do jugo antigo ,  
 Reparando aos vassallos as desditas ,  
 E tirando-os das mãos da tyrannia ,  
 Que esta barbara gente commettia.

## XXIII.

Foi acclamadò Rei , por uniforme  
 Gosto da sua tropa , a qual o amava :  
 E supposto que Affonso naõ conforme ,  
 Tomar da Croa o pezo duvidava ,  
 Aquella repugnancia disconforme ,  
 Muito mais o desejo lhé inflammava ,  
 Com o prazer geral da luza gente ,  
 Foi no Campo acclamado justamente.

## XXIV.

## XXIV.

Alegre Portugal com gloria immensa,  
 Daquelle sábio Rei , que levantara ,  
 Cuidando nos caminhos da defensa ,  
 Ajunta tropas , muniçoens prepara .  
 A Mauritana gente , naõ suspensa  
 Tinha a guerra cruel , que começara ;  
 Mas antes cheia de odio , e de esperança ,  
 Buscava os prompts meios da vingança .

## XXV.

Já dºOrique , nas terras espaçosas ,  
 Se viaõ tremultar muitas bandeiras ;  
 Tantas eraõ as tropas numerosas ,  
 Que seccavaõ as aguas das ribeiras ,  
 Traziaõ mil esquadras , valorosas ,  
 Das gentes de Granada , mais guerreiras :  
 Cinco grandes Monarcas , que na vista ,  
 Traziaõ destes Reinos a conquista .

## XXVI.

## XXVI.

Naõ lança quando nasce a bella Aurora ,  
 N' huma manhã d' Abril fresca , e serena ,  
 As transparentes lagrimas , que chora  
 Que nas folhas em perolas ordena ;  
 Nem pelos campos , a rifonha Flóra ,  
 Vasa das lindas flores , copia amena ;  
 Nem Céres , produzio tantas espigas  
 quantas eraõ as lanças inimigas.

## XXVII.

O Novo Rei , naõ teme , nem se assusta ,  
 Vendo taõ desigual o seu partido ,  
 Naõ julga dar batalha accão taõ justa ,  
 Quanto tinha na mente presumido :  
 Sacrificar o Exercito lhe custa ,  
 Contra aquelle poder descomedido ;  
 E nesta contingencia , fluctuando ,  
 Os conselhos dos seus vai escutando .

## XXVIII.

## XXVIII.

O Deus Homem , que a mancha do peccado  
 Veio ao mundo lavar , que Adão quizera ,  
 Se lhe mostra na Cruz crucificado ;  
 Na Santissima Cruz em que morrera ,  
 Da chaga immensa , do Divino lado ;  
 Que a maldade dos homens lhe fizera ,  
 O seu precioso Sangue , lhe corria ,  
 Que em liquidos Rubins se desfazia .

## XXIX.

Affonso , naõ te assustem tantas Luas ,  
 Que os barbaros te mostraõ por vangloria ;  
 Naõ temas o valor das gentes suas ,  
 Porque de todas te darei victoria ;  
 Esta acção , que hoje quero que possuas ,  
 Ficará dos vindouros na memoria ,  
 E absortos ficaráõ os teus soldados ,  
 De tantos infieis desbaratados .

## XXX.

## XXX.

Em ti pois , e na tua descendencia ,  
 Formar o meu Imperio determino ,  
 Meu este Reino he ; minha clemencia ,  
 Lhe fará venturoso o seu destino ;  
 A minha ineffavel providencia ,  
 E todas as graças , para elle inclino ,  
 Naó terá contra si o fado adverso ,  
 Pois famoso o farei pelo Universo.

## XXXI.

Para maior final dos meus favores ,  
 Minhas Chagas , por Armas te concedo ,  
 Com os trinta dinheiros , que os traidores  
 Deraó para entregar-me com segredo ,  
 Sempre os teus Estendartes vencedores ,  
 Seraó com estas Armas , e bem sedo ,  
 As verás da tua gloria o instrumento ,  
 Pois nellas te seguro o vencimento.

## XXXII.

## XXXII.

Ficou o santo Rei todo confuso  
 E peitubado da visaó Celette ;  
 O discurso perplexo naõ tem uso ,  
 E de humildes imagens se reveste ,  
 Logo juntando o Exercito diffuso  
 Com ardente valor o Mouro investe ,  
 Confiado no amor , e puro extremo ,  
 Do Senhor dos Exercitos supremo .

## XXXIII.

Porém tanto que o Exercito contrario ,  
 Ou vio dar o final para a peleja ,  
 Já cheio de hum pavor imaginario ,  
 Naõ tem nenhum valor que ao susto reja ,  
 Tal murmorio se faz , confuso , e vario ,  
 Que mostrava , que o medo lhe sobeja  
 Parecendo nas vozes , e alaridos ,  
 Que já davaó finaes de ser vencidos .

## XXXIV.

Affim como na horrida procella ,  
 O mar a quem revolve o rijo vento ,  
 Com estrondosas ondas se incapella ,  
 Augmentando a braveza o movimento ;  
 Da mesma fórmâ o medo , que atropella  
 Nos debeis coraçoens o fraco alento ,  
 Fazia cada vez serem maiores ,  
 Das infieis esquadras , os clamores .

## XXXV.

Tinhaõ os dous Exercitos diferença  
 No valor , e nas forças igualmente ;  
 Dos Mouros era a copia taõ extensa ,  
 Que em duas legoas naõ cabia a gente :  
 Fiados os Christoens na força immensa  
 Do grande Deos eterno Omnipotente ,  
 Combaterão sem sustos , nem agouros  
 De caber a hum Christão quarenta Mouros .

## XXXVI.

## XXXVI.

Da fórmā que se vê no ardente Estio  
 De espigas montoens , na provida seára ,  
 Que das fouces agúdas prompto fio ,  
 Pelos campos do Téjo derribara ;  
 Assim lançados sobre o campo frio ,  
 Jaziaõ as cabeças , que cortara  
 A valorosa espada Luzitana ,  
 Ajudada da força mais que humana .

## XXXVII.

Huns passados da penetrante lança ,  
 A morte davaõ o ultimo combate ;  
 Outros já de viver sem esperança ,  
 Temem que a triste vida se dilate ,  
 Nenhum destes crueis em paz descança ,  
 Que a sua alma infiel logo se abate ,  
 As profundas cavernas , onde mora  
 A discordia ferós devoradora .

## XXXVIII.

Cobre-se a terra da malvada trópa ,  
 Da turba Mahometana destroçada ;  
 A corrente do fangue o campo ensópa ,  
 Que depois he nos valles empossada ,  
 Por entre tantos Mouros naó se tópa ,  
 Hum , que resista á cortadora espada ,  
 Muitos na dura terra agonizaraó ,  
 Poucos forao na fuga os que escaparaó .

## XXXIX.

Pelô rígido Inverno , a manhã fria  
 Mostra a rez que escondeia a matta densa ,  
 Porque a lançar efluvios principia ,  
 Que attrahidos do Sol logo os condensa ,  
 Por sima do seu corpo em claro dia ,  
 A nuvem de vapor se vê suspensa ,  
 Bem assim dos cadeveres , fumantes ,  
 Lançayaó as entranhas palpítantes .

## XL.

Huma serie de Reis por largos annos ,  
 Sustentou deste Reino o seu respeito .  
 Sofrendo guerras , supportando damnos ;  
 Que deixo por naõ ser do meu sujeito ,  
 As guerras de Hespanhoes , e de Africanos ,  
 Lhe fizerao no mundo alto conceito ,  
 E augmentarao as Portuguezas glorias ,  
 Com immensos triumphos , e victorias .

## XLI.

Porém dô mundo por costume certo ,  
 Que nada sem mudança permanesse ,  
 Se vio a Monarquia em grande aperto ,  
 Nessa Epoca infeliz , que nunca esquesse ,  
 Hum Rei de pouca idade , e naõ experto ,  
 Sem que fosse movido de interesse ,  
 Só no desejo da brilhante fama ,  
 Seu Regio coraçao todo se inflamma .

## XLII.

## XLII.

Com armada de gentes escolhidas ,  
 Muniçоens , e petrechos abundantes ,  
 Preparado das armas mais luzidas ,  
 Ricos arnezes , elmos rutilantes ,  
 Tremollando as bandeiras estendidas  
 Sobre as agoas cerúleas inconstantes ,  
 Ao som dos instrumentos Militares ,  
 Abrio as ondas dos profundos mares .

## XLIII.

Soprando o vento sobre a branca vela ,  
 Dobrou de Gibraltar o estreito passo ,  
 E as antigas columnas , que em Castella  
 Deixou de Alcides seu invicto braço ,  
 Naõ obstanto dos Mouros a cautella ,  
 Suas praias pizou sem embaraço ,  
 As tropas acampando , sobre as terras  
 Que dominaõ de Arzila as altas serras .

## XLIV.

## XLIV.

Mas a torpe desgraça , macilenta ,  
 Com triste aspecto , com preverso rosto ,  
 Sobre as funestas azas se presenta ,  
 Procurando influir mortal disgosto ,  
 A victoria taõ certa representa ,  
 Que sem pensar o Rei largando o posto ,  
 Cahio sem expriencia na emboscada ,  
 Que lhe tinhaõ os Mouros preparada .

## XLV..

Ficou no campô a flór da mocidade  
 Portugueza seguindo o seu Monarca ,  
 Cujo valor igual á Magestade ,  
 Lhe cortou sem piedade a horrenda Parca ;  
 Aquella mais suprema dignidade ,  
 Que governa de Pedro a Santa Barca ,  
 Que entaõ regia seu pezado léme ,  
 Chora de mágoa , de disgosto geme .

## XLVI.

## XLVI.

Infeliz Portugal , jugo severo ,  
 Vejo sobre o teu collo levantar-se ,  
 Que o ciume antigo , d'hum visinho fero ,  
 Sem resistencia agora vai mostrar-se ,  
 Que pungentes desgraças te pondero !  
 Quanto a tua fortuna ha de trocar-se !  
 Até que a maõ piedosa Omnipotente ,  
 Deite horrivel dominio naõ te izente.

## XLVII.

Perderás terras , perderás conquistas ,  
 Seraõ teus privilegios abolidos ,  
 As violencias acerbas naõ resistas ,  
 Que os teus clamores naõ seraõ ouvidos ,  
 Mas da grande esperança naõ desistas ,  
 Porque em chegando aos Ceos os teus gemidos ,  
 Elles do teu Imperio sempre amantes ,  
 Mudarão dos teus males os semblantes .

## XLVIII.

## XLVIII.

Por mais de sessenta annos abatidos  
 Foraó os Portuguezes desgraçados ,  
 Se com sceptro de ferro eraó regidos ,  
 Como escravos do susto eraó tratados ,  
 Nos postos foraó logo preteridos ,  
 Julgando os innocentes por culpados ;  
 Porque a ambiçaõ iniqua , de Castella ,  
 Os santos juramentos atropella.

## XLIX.

Porém já vejo a Estrella rutillante ,  
 Que influindo huma ardente actividade  
 No povo Portuguez , na fé constante ,  
 Já do Ceo lhe mostrava a liberdade ;  
 He huma fixa estrella , e naõ errante  
 Com o nome de falsa divindade ,  
 Que naõ previnindo o ardilosõ engano ,  
 Veio cahir nas redes de Vulcano .

## L.

Com incrivel valor , amante empenho ,  
 O coraçaõ lhe anima a grande empreza ;  
 Huns fazem cautelosos o dezenho ;  
 Outros já se encarregaó da surpreza ;  
 Nenhum teme o perigo , nem despenho ,  
 Animos varonis , onde a nobreza  
 Tem dominio maior , poder mais forte ,  
 Do que o medo servil da negra morte .

## LI.

Bem mostrou a sobrana Providencia ,  
 Nesse dia feliz com tanta dita ,  
 Que estendera o seu braço de clemencia ,  
 A bondade de Deos sempre infinita  
 Tudo regido foi com tal prudencia ,  
 Que nada o bom effeito precipita ,  
 Já do jugo cruel despedaçado ,  
 Se via o gosto no rizonho estado .

## LII.

## LII.

Preclaríssimo Duque de Bragança ,  
 Que gozas docemente do socego  
 Sem temeres da forte outra mudança ,  
 Das constantes virtudes só no emprego ,  
 Vem tomar posse da sublime herança ,  
 Que das mãos te arrancou da ambição cégo ,  
 O Rei , que naõ tivera estes cuidados ,  
 Em quanto Portugal teve soldados .

## LIII.

Já este grande Duque , o sceptro impunha ,  
 E do seu Reino alegre as redeas toma ,  
 E do Hespano soberbo , que se oppunha ,  
 As maximas prendendo , o orgulho doma :  
 Elle as suas acções taõ bem dispunha  
 Com prudencia , e valor , que muita soma  
 De Cidades , Castellos , e fortalezas ,  
 Viraõ nellas as quinas Portuguezas .

## LIV.

Muitas vezes no campo derrotadas,  
 Foraõ valentes trópas de inimigos,  
 Que as gentes Portuguezas costumadas  
 A vencer , desprezavaõ os perigos ,  
 Foraõ em fim as pazes promulgadas ,  
 Guardados os direitos taõ antigos ,  
 Do Reino que era livre , independente ,  
 Imperio do Senhor Omnipotente.

## LV.

Subio depois ao Throno o valoroso  
 Segundo Pedro , que prudente rege ;  
 Nas campanhas seu nome foi famoso ,  
 Na paz os benemerios proteje ,  
 Nos augmentos do Reino cuidadoso ,  
 Amando as letras vigilante elege ,  
 Para os cargos encher da Monarquia ,  
 Que fazer respeitavel pertendia.

## LVI.

## LVI.

Vejo o Senhor Dom Joaó do nome quinto ,  
 Cuja fama immortal teve no mundo  
 Entre os Monarcas , hum lugar distin<sup>c</sup>to ,  
 Entre as gentes respeito mais profundo ,  
 Tem sido o seu louvor menos sucinto ,  
 Como hum Rei generoso sem segundo ,  
 Que por acçoens taõ grandes taõ diversas ,  
 Deixou vencido o vencedor dos Persas.

## LVII.

Deste insigne Varaó tambem cantara  
 Com grande gloria o nome resplandente ,  
 Mas a outros louvores se prepara ,  
 A muza com a demora impaciente ,  
 Do meu Heroe a vida he taõ preclara ,  
 Que á torpe adulaçao nada consente ;  
 A memoria do Pai me prostro , e humilho ,  
 E vou cantar a do sublime Filho.

四

# LISBOA RESTAURADA ARGUMENTO.

**D**Escreve-se a educaçao nos temros annos ,  
Do famoso Monarca ; as suas Sciencias ,  
O meio de evadir o Reino os damnos ;  
E da sua grandeza as providencias ,  
Sentimentos Magnificos , e humanos ;  
As desgraças do Povo , e as inclemencias ,  
Que padeceo Lisboa dezolada ,  
Em suas proprias ruinas abrazada .

## CANTO SEGUNDO.

**Q**Ue nuvem taõ formosa , e transparente ,  
Vejo descendo da Celeste Sphera ,  
Qual Aurora , que raia no Oriente  
Em serena manhã da Primavera ,  
Nella ouço cantar suavemente ,  
A voz da Fama , que o coraçao altera ,  
A voz da immortal , illustre Fama ,  
Com que as virtudes do meu Heroe proclama .

## II.

Virtudes eminentes , que contemplo ,  
 Acçoens do grande Rei exercitadas :  
 Humas , que guarda de memoria o templo ;  
 Outras , que os coraçoens tem retratadas ,  
 No mundo servirão de claro exemplo ,  
 Para serem de todos imitadas ,  
 Quantas a fama docemente entoá ,  
 E pelas suas cem linguas lhe pregôa.

## III.

Como o sanguine Real sempre domina ;  
 Influindo nas almas a descendencia !  
 Nos Príncipes he mais dô que a doutrina ,  
 O poder com que obra a sua essênciâ :  
 Elle inspira a razão , elle os inclina ,  
 Sem conselho , sem arte , sem violencia ,  
 Mostrando , que lhe faz o nascimento  
 Das heroicas acçoens o argumento.

## IV.

## IV.

Se os meus versos tiverem a ventura ,  
 Supposto que rasteiros naõ mereçaõ ,  
 Que os voossos Reaes olhos dessa altura ,  
 Rainha excelsa , sobre elles desçaõ :  
 Vereis puros efeitos da candura  
 Com que os meus ternos cultos se interessão ,  
 Em louvar as virtudes singulares ,  
 Levantando em meus versos mil altares.

## V.

Naõ deixa no grosseiro , humilde barro ,  
 De lançar o incenso o amavel fumo ,  
 Quando a justa razaõ , e naõ o acaſo  
 Faz os efeitos , que eu em mim presumo :  
 Se o amor me elevou hoje ao Parnaso ,  
 Eu farei das virtudes hum resumo ,  
 Que lá do Ceo comvosco elle reparte ,  
 Se a tanto me ajudar o engenho , e arte.

## VI.

Novamente te invoco , oh bella Erato ,  
 Do teu grande favor muito preciso ,  
 Porque o meu Estro nimiamente ingrato ,  
 Ora o sinto assustado , ora indeciso :  
 Eu bem vejo que em quanto me dilato ,  
 O meu amor padesse o prejuizo ;  
 Mas sem o teu auxilio , oh Deosa bella ,  
 A voz se prende , o coraçāo se géla.

## VII.

Deixa por hum instante as frescas margens ,  
 Do frondoso Permesso aonde habitas ,  
 Vem inspirar-me altisonas imagens ,  
 Com as quaes os teus vallidos nobelitas :  
 Dá-me da eloquencias effas vantagens ,  
 Que tú nos teus empenhos exercitas ;  
 Affina a minha lyra , inflamma o metro ,  
 Ajuda-me a mover o eburneo plectro .

## VIII.

## VIII.

Já hum pouco cantei , balbuciando ,  
 Do Reino Lusitano a sua origem ,  
 Mas as virtudes de hum Heroe , cantando .  
 Mais facundos periodos exigem :  
 As acçoeis verdadeiras modulando ,  
 Não fabulosas que os Poetas fingem ,  
 Precisaõ doce voz , alto conceito ,  
 Sacrificios decentes do respeito .

## IX.

Tanto que o grande Rei , que eu canto agora ,  
 Passou da innocencia a tenra idade ,  
 Huma indole descobre , encantadora ,  
 Que indicava respeito , e dignidade ,  
 Crescia no discurso a cada hora ,  
 Nas respostas mostrando a Magestade ,  
 Prompto na percepçaõ , prompto no engenho  
 Já amava as Sciencias todas com empenho .

## X.

Seu adoravel Pai foi descernindo ,  
 Por aquelles talentos singulares ,  
 Que hia no seu genio descobrindo ,  
 As virtudes , e dons particulares ,  
 Nas Sciencias o foi logo instruindo ,  
 Dando-lhe Directores naõ vulgares ;  
 E se o grande Aristoteles vivera ,  
 O que Filipe fez elle o fizera.

## XI.

Cada instante se viaõ mil portentôs ,  
 Com que os Mestres ficayaõ persuadidos ,  
 Que elle se adiantava aos documentos ,  
 Por milagroso effeito dos sentidos :  
 Eraõ seus delicados sentimentos ,  
 De taõ nobres systemas revestidos ,  
 Que logo deu sinaes se encaminhava  
 Para o Heroismo , que ancioso amava.

## XII.

## XII.

Foi sublime nas regras de eloquencia ;  
 Raro na Mathematica Celeste ;  
 Nas linguas singular , sem competencia  
 Na Geographia Hydraulic , e terreste ;  
 Na Musica , com grande preferencia  
 Sabia as normas , que a melodia veste ;  
 Foi nas Filosofias infinito ;  
 Nas Artes liberaes o mais perito.

## XIII.

No preludio dos annos já domava ,  
 Dos Cavallos a indomita fereza ;  
 Nas regras do manejo lhe ensinava ,  
 A corregir a bruta natureza ;  
 Nenhum na ligereira lhe igualava ,  
 Na promptidaõ do tiro , e na certeza ,  
 Com que nos bosques da frondosa serra ,  
 O bravo Javalí lança por terra.

## XIV.

## XIV.

O veloz Gamo , a timida Gazella ,  
 O antigo Veado , o Lobo horrendo ,  
 A Rapoza , que finge por cautella ,  
 Para livrar a vida , andar morrendo ;  
 A corredora Lebre , a Perdiz bella ,  
 Que parece que os ares vai fendendo ,  
 Por mais prompto , e mais rapido retiro ,  
 Nenhum escapa do primeiro tiro.

## XV.

Buscou sempre os Authores mais famosos ,  
 Para aquella instrucçao que tanto estima ,  
 Foraõ os seus discursos portentosos  
 Pela grande facundia que os anima ,  
 Com os preceitos da arte os mais preciosos ,  
 Lhe punha da eloquencia a douta lima ,  
 De forma que fallando , ou escrevendo ,  
 Foi modelo dos sábios estupendo.

## XVI.

## XVI.

Como Mestre fallava , e decidia ,  
 Em todas as Sciencias tão profundo ,  
 Que nas doces palavras persuadia ,  
 E dos systemas explicava o fundo ;  
 Parece que dos labios lhe corria  
 A doçura do Nectar tão jocundo ,  
 Era em fim quando Principe , perfeito ,  
 Todo o objecto do amor , e do respeito.

## XVII.

Seu Real coraçaõ foi sempre illeso ,  
 Das negras sombras do soberbo vicio ,  
 A servis lhe calcava com desprezo ,  
 Se do veneno descobria indicio ;  
 No fogo da piedade sempre accezo ,  
 Amava ternamente o beneficio ,  
 E o seu candido peito nunca géra ,  
 Aspera reprehensaõ , razaó sevéra.

## XVIII.

## XVIII.

Foi do Culto Divino taó amante ;  
 Taó incansavel , generoso , e Pio ,  
 Que era a sua paixaó mais dominante ,  
 Que nelle naó houvesse algum desvio ,  
 Na Ley que professava , vigilante ,  
 Humilhando-se ao Eterno Senhorio ,  
 Daquelle Deos , que o mundo fez do nada ,  
 E fará infinitos se lhe agrada.

## XIX.

Os pobres com maõ larga soccorria ,  
 Seu justo coraçaõ , Regio , e benigno ,  
 Da memoria fiel nunca perdia ,  
 O que dos seus favores era digno :  
 A sua Alma piedosa internecia  
 O que da graça se fizera indigno ,  
 Muitas vezes luctando a humanidade  
 Com o alto dever da Magestade.

## XX.

## XX.

Era hum compendio o meu Heroe sublime  
 De virtudes , e amaveis qualidades ,  
 Naquelles annos , em que o sangue opprime ,  
 Domina o coraçaō , rege as vontades ,  
 Filtrando ardente mente , nos imprime  
 Huma severa Ley nas liberdades ,  
 Mas o Grande Jozé doma , e despreza ,  
 Com imperio , e virtude a natureza .

## XXI.

Chegou o tempo em que á Monarquia ,  
 Se cumpriraó os fins dos seus desejos ,  
 Vendo as nupcias Reaes , cuja alegria  
 Encheo o Reino todo de festejos ,  
 A ditosa esperança principia ,  
 Desterrados os sustos taó sobejos ,  
 Porque do meu Heroe a descendencia ,  
 Dava aos fieis Vassallos nova effencia .

## XXII.

Mostrou o Grande Deos o quanto amava  
 As glorias deste Reino a quem destina ,  
 Na Sobrana Princeza , que lhe dava ,  
 Huma Rainha Excelsa , huma Heroina :  
 De virtudes sublimes se adornava ,  
 Aquella Alma gentil , que a maõ Divina ,  
 Cá no Mundo illustrou , com luzes bellas ,  
 E no Ceo collocou entre as Estrellas.

## XXIII.

Amou taõ ternamente os seus Vassallos ,  
 Tanto aos seus naturaes os antepunha .  
 Que com empenho ardente de exaltallos ,  
 Como seus proprios filhos os suppunha :  
 O seu benigno amor sem intervallos ,  
 Tudo em sua vantagem lhe propunha ,  
 Teve huma singular beneficencia ,  
 Foi geral para todos a clemencia .

## XXIV.

## XXIV.

A funebre tyranna inexoravel  
 A tropos fera , com tizoura horrenda ,  
 Cortou o fio d'ouro , á vida amavel ,  
 Sem que o respeito o braço lhe suspenda ,  
 O Senhor D. Joao , Rei memoravel ,  
 Que a saudosa lembrança recommenda ,  
 Passou do Throno deste Mundo triste ,  
 Para aquelle da Gloria aonde existe.

## XXV.

Ao Sólio da luza Monarquia ,  
 Subio o Grande Jozé , cingindo a Crôa ,  
 Acclamado com vozes de alegria ,  
 Pelo amante seu Povo de Lisboa :  
 A noite se trocou em claro dia ,  
 Hymnos em seu louvor o gosto entôa ;  
 E o mesmo prazer que o ar cintilla ,  
 O coraçao em lagrimas distilla .

## XXVI.

Pronosticos felices precederaõ ,  
Do meu invicto Heroe , o seu Reinado .  
No Ceo os Meteóros se accenderaõ ,  
Trovejou do Nascente ao dextro lado :  
Estas demonstraõens , que aconteceraõ ,  
Naquelle mesmo dia de Acclamado ,  
Se viraõ ao depois verificadas ,  
Pelas suas accõens famigeradas .

## XXVII.

Os Romanos , os Cesares Augustos ;  
Alexandre taõ fertil em proezas ,  
Tinhaõ por vaticinios os mais justos ,  
Trovejar no principio das Imprezas :  
Ficavaõ os soldados mais robustos ,  
No valor , para entrar nas entreprezas ,  
Quando o Ceo trovejando lhe indicava ,  
Que huma acçaõ que emprendiaõ lhe agradava .

## XXVIII.

## XXVIII.

Vio logo Portugal brilhante a scena ,  
 Que hum sábio Rei dispunha cuidoso ,  
 Dela grande prudencia com que ordena ,  
 Fazer o seu Imperio venturoso :  
 Desterra o ocio , a inacção condena ;  
 E animando a industria generoso ,  
 Naó só faz aos Vassallos beneficio ,  
 Mas extingue a fonte do inorme vicio.

## XXIX.

Com quanto pasmo , o meu Heroe contemplo ,  
 Vendo tantas acçōens de Magestade !  
 Despendurando do fulgente Templo  
 De Themis as balanças da equidade :  
 Elle as equilibra com o exemplo ,  
 Querendo conservar-lhe a dignidade ;  
 E que o sordido interesse , e o valimento ,  
 Naô lhe fáçaõ no pezo detrimento.

## XXX.

Fugio da sua face Magestosa  
 A tyranna injustiça espavorida ,  
 Confusa , intredita , vergonhosa ,  
 E da esperança vil destituida :  
 Mordendo os negros dedos de raivosa ,  
 A perpetuo desterro reduzida ,  
 Se precipita nas horridas cavernas ,  
 Do Reino escuro nas prizoens eternas .

## XXXI.

Favorece o Commercio enfraquecido :  
 Sobre este ramo o seu poder coaduna ,  
 Sendo com justa causa persuadido ,  
 Que assim a maó Real dava á fortuna :  
 O Commercio nos Reinos bem regido ,  
 He da grandeza a principal columna :  
 Elle faz os Vaissallos oppulentos ,  
 Conserva as forças , eleva os sentimentos .

## XXXII.

## XXXII.

Gemem com pezo as nadantes quilhas  
 De riquezas immensas carregadas ;  
 As fazendas se vem em grandes pilhas ,  
 Pelas praias do Téjo amontoadas :  
 Já vem do Oriente as maravilhas ,  
 Em tanta quantidade transportadas ,  
 Que o Estranho correndo ao nosso porto ,  
 De ver tanta riqueza fica absorto.

## XXXIII.

Para a educaçao da mocidade ,  
 Aulas erige , que Real protege ,  
 Os Mestres de mais fama , e probidade ,  
 Para estas funçoes agudo elege :  
 Tudo do Grande Rei a Magestade  
 Preve , dispoem , estabelece , e rege  
 Com alta prevençao , com providencia ,  
 Com discurso , com arte , com prudencia.

## XXXIV.

## XXXIV.

Já se vê a Arithmetica brilhante,  
 Por immensos alumnos manejada  
 Arte , que nos preceitos abundante ,  
 Era quasi dos Póvos ignorada :  
 A Algebra sutil , dos Estudantes  
 He já taó facilmente calculada ,  
 Que os Mestres naõ precisaõ de doutrina ,  
 Pois qualquer dos discipulos a ensina.

## XXXV.

Magnificos Collegios edifica ,  
 Pelos quaes a nobreza se educasse ;  
 Porque o seu coraçao todo se applica ,  
 A que o Reino de letras se adornasse :  
 Com grandes privilegios lhe amplifica ,  
 Os meios porque sempre os conservasse ;  
 Querendo com louvaveis providencias ,  
 As grandezas semear , colher as sciencias.

## XXXVI.

## XXXVI.

Insignes Mestres , sábios documentos  
 Do Grande Rei as Ordens praticando ,  
 Foraó aquelles informes pensamentos ,  
 Com sólidas doutrinas amoldando :  
 /Inspirando-lhes nobres sentimentos ,  
 Os tenros coraçoens foraó criando ,  
 De fórmā que alcançaraó dos excessos ,  
 Fazerem os Collegios mil progressos.

## XXXVII.

Dos seus fieis Vassallos sempre amante ,  
 Muitas Leys providentes lhe promulga ;  
 Que para mudar dos pleitos o semblante ,  
 Mais favoraveis , mais precisas julga :  
 Taó Regia prevençaó , justa , e constante ,  
 Já entre os transgressores se devulga ;  
 De fórmā que huns a intriga renunciaó ,  
 Outros da espada da coacçaó tremiaó.

## XXXVIII.

Mizer devedor , hum Rei clemente ,  
 Prende os braços crueis da tyrannia ,  
 Ao credor maligno naõ consente  
 Que exercite o seu odio na porfia ,  
 Naõ julgando a pobreza delinquente ,  
 Nas funebres entranhas da inchovia ,  
 Prohibe que o credor sem esperança  
 Pertenda o pagamento na vingança .

## XXXIX.

Quantas vezes se vio no Regio assento ,  
 Das miseraveis gentes condoido ,  
 Que subia ao seu rosto o sentimento ,  
 Do puro coraçao internecido :  
 Aquelle heroico peito sempre izento ,  
 Das chamas do rigor era attrahido ,  
 Por hum effeito da Real grandeza  
 Das lagrimas pungentes da pobreza .

## XL.

Sua Alma singular onde a candura  
 Com incrivel prazer se aposentava ,  
 Reverberando os raios da ternura ,  
 A todos igualmente illuminava :  
 Sempre nas suas vozes a doçura  
 Do seu amavel genio dominava ,  
 Naõ foi para a familia nunca austero ,  
 Nunca foi duro , nunca foi severo .

## XLI.

Hum dia por acafo , que hum criado  
 Ao fechar do coche inadvertido ,  
 Huma das Reaes mãos tendo apanhado ,  
 Entre a porta n'um dedo foi ferido ;  
 E vendo hum Camarista muito irado ,  
 E contra aquelle moço enfurecido ,  
 Elle o pobre , lhe diz , naõ adevinha  
 Maior dor , eu lhe julgo do que a minha .

## XLII.

O' coraçāo Real , benigno , e justo ,  
 Digno de oblaçoens , digno de Altares ,  
 Que tanto te deveo o alheio susto ,  
 Depois da propria dor experimentares !  
 Tu occupas no Ceo , hum Throno Augusto  
 Por premio das virtudes singulares ,  
 E o teu Reino que vio tantas bondades ,  
 Hum tributo te paga de saudades .

## XLIII.

Para poder cantar deste Monarca ,  
 Acçoens famigeradas , por extenso ,  
 Em quanto a implacavel , triste Parca ,  
 O seu braço cruel teve suspenso :  
 Seria navegar em débil barca  
 Sobre as ondas do Oceano immenso ;  
 E no pouco que digo conjecturo ,  
 Que he hum breve rascunho do futuro .

## XLIV.

## XLIV.

Mas sinto , os hombros da convulsa terra  
 Moverem-se , com forças taõ estranhas ,  
 Que descarnando a mais soberba serra ,  
 Fazem lutar os valles co as montanhas :  
 Declarando aos mortaes tyranna guerra ,  
 Parece , que nas concavas entranhas ,  
 Com impuxoens taõ fortes , taõ vehementes ,  
 Quer ingolir a raça dos viventes.

## XLV.

Immenso Deos , que desse olympo Augusto ,  
 Olhando para a terra indivisivel  
 A fazeis aballar , tremer de susto ,  
 Da Vossa Omnipotencia imcomprehensivel :  
 Vós que sois Deos de paz , piedoso , e justo ,  
 Vede Senhor , que he quasi incompativel ,  
 Que deste movimento taõ profundo ,  
 Naõ se destrua a maquina do Mundo.

## XLVI.

## XLVI.

Porém a immensidade dos peccados ,  
 Que já hum Deos Clemente , tanto insultaõ  
 Dos cégos peccadores obstinados  
 Os seus delictos muito mais ayultaõ :  
 Parece que de Vós desamparados  
 As lugubres ruinas os sepultaõ ,  
 Sem que possa haver hum , que vos prometta  
 O mesmo que pedieis ao Profeta.

## XLVII.

Vejo os duros rochedos flūtuando  
 como as ondas do vento encapeladas ,  
 O Mar já pelos montes trasbordando  
 Tem as Leys do lemite quebrantadas :  
 As torres o seu centro procurando ,  
 Jazendo sobre a terra amontoadas ,  
 E dos nobres palacios o edificio ,  
 Tudo soffrido tem o precipicio.

## XLVIII.

## XLVIII.

Fendem o ar os miserios gemidos  
 Dos tristes infelizes moribundos ,  
 Que por entre as ruinas submergidos ,  
 Arrancavaõ suspiros taõ profundos :  
 Outros com bem funestos alaridos ,  
 Nas entranhas dos carceres immundos ,  
 Achaõ que na ruina , que se augmenta ,  
 Outra nova prizaõ se lhe accrescenta.

## XLIX.

Abrem-se os Santos Templos pelo meio ,  
 Cahindo com fracaço pavoroso ;  
 O que de Christãos era mais cheio ,  
 Foi o destrago nelle lastimoso :  
 He maior o perigo , que o receio ,  
 Em dia taõ terrivel , e espantoso ,  
 Em o qual os Altares mais sagrados ,  
 Saõ nas proprias ruinas sepultados.

## L.

Os Ministros de Deos , em santas vestes  
 Com que os Sacrificios celebravaõ ,  
 Subidos nas ruinas mais agrestes ,  
 Dalli á penitencia convocavaõ :  
 Estas terriveis convulsoens terrestres ,  
 As gentes por mil modos devoravaõ ,  
 A Mãi he consternada , o Pai absorto ,  
 Quando veem junto a si o filho morto.

## LI.

Nada resiste a destrucção inorme ,  
 Com que a terra facode os habitantes ,  
 O que no rico leito o sonno dorme ,  
 Entre as bordadas téllas rutillantes :  
 Nem aquelles que soffrem da disforme ,  
 Pobreza o fazellos mendicantes :  
 Pois igualmente nos Palacios nobres ,  
 Se vio o mesmo , que se vio nos pobres.

## LII.

## LII.

Naõ ha termos , que sejaõ expressivos  
 Para fallar d'hum dia taõ tremendo ,  
 No qual a dura Cloto , os incentivos  
 Andava para as mágoas exercendo :  
 Huns já mortos , e outros simivivos ,  
 As ruas enchem de pavor horrendo ;  
 Separados os membros dos seus bustos ,  
 Influem afflicçoes , augmentaõ sustos .

## LIII.

Os Fidalgos , Ministros , Sacerdotes ,  
 Povo , Religioens , Particulares ,  
 De quaesquer condiçoes , de quaesquer lotes ,  
 Jaziaõ destroçados a milhares :  
 Pelos campos os vivos em magotes ,  
 Abrem com alarido os densos ares ;  
 E vendo da morte o formidavel vulto ,  
 Todos pedem a Deos perdaõ do insulto .

## LIV.

Já sobe ao Ceo a crepitante chamma,  
 Em borbotoens de fumo interlaçada ,  
 Hum lugubre claraó no ar derrama  
 A soberba Lisboa incendiada :  
 A perola da Europa , cuja fama  
 A fazia no mundo respeitada ;  
 Reduzida se vê neste destrago ,  
 A' triste sorte da infeliz Carthago.

## LV.

Tú que no claro Téjo taó pomposa ,  
 Vias dos teus Palacios a structura ,  
 Agora com desgraça lastimosa ,  
 Vês hum montaó de cinzas sem figura :  
 O mesmo manso Téjo , que em ti goza  
 O respeito qué o nome lhe procura ,  
 Os limosos cabellos arrancando ,  
 A pena explica , para traz voltando.

## LVI.

## LVI.

Brevemente verás , nobre Ulysséa ,  
 Qual a Féniz das cinzas renascida ,  
 Que hum Rei que em elevar-te se gloréa ,  
 Te fará mais brilhante , e mais temida :  
 Com Magnifica maõ , vistosa idéa  
 Serás resuscitada a melhor vida :  
 Elle o teu respeito mais profundo ,  
 Fará pelo teu nome em todo o mundo .



# LISBOA RESTAURADA ARGUMENTO.

**D**As ruinas, Lisboa resuscita,  
Por influxo feliz do Rei Soberano,  
Muitas accoens egregias, exercita,  
Sempre benigno, generoso, e humano:  
Para a guerra mandou gente infinita,  
Applacou com a paz o mortal danno,  
Em Coimbra erigio, estudos novos,  
Para fazer mais cultos os seus Póvos.

## CANTO TERCEIRO.

**F**Rondoſo Ramo desse Rei ſublime,  
Do qual cantando vou dignos louvores,  
Em quanto a bella Erato, amiga imprime,  
No meu amor os metricos furores:  
Deixoo o lugubre, ſtilo, que a alma opprime,  
Repetindo a desgraça, e os seus rigores,  
Que influem afflīçāo, mo ~~en~~ o pranto,  
Como acabei no meu ſegundo Canto.

## II.

Eu cantarei os inclitos portentos ,  
Do vosso invicto Pai , do qual bebestes  
Aquellos delicados documentos ,  
Com que a sua memoria inriquecesteis :  
Aquellos taõ egregios sentimentos ,  
Que repartio com elle a maõ Celeste ,  
Que em Vós , grande Rainha , se devisaõ ,  
E que d'ambos a gloria lhe eternizaõ .

## III.

A cantar vosso nome a Musa empenho ,  
Affinando na lyra as cordas de ouro ;  
Mas esta empreza , que tomado tenho ,  
Eu já cingi para ella o verde louro :  
Assim mesmo as virtudes vos dezenho ,  
E o meu obsequio summamente douro ;  
Porque do meu Heroe fendo louvadas ,  
Em Vós Senhora estaõ recuperiladas .

## IV.

## IV.

Para fallar no vosso nome Egregio ,  
 Grande Rainha , que o respeito adora ,  
 Naó posso ter devate o privilegio ,  
 Sem que o Delio me dê lyra sonora :  
 Huma Heroina , que no Throno Regio ,  
 Se tem feito dos Cultos taõ credora ;  
 Porque chegue o louvor de pollo a pollo ,  
 Só a pôde cantar o mesmo Apólo.

## V.

Eu cingirei de novo a verde rama ,  
 Pelas margens do Menalo cortada ,  
 A doce lyra que o furor inflamma ,  
 Será das nove Irmãas incordoada :  
 Só assim poderá a excelsa fama ,  
 Que tendes conseguido ser cantada ,  
 Para poder voar pelo Universo ,  
 Se taõ sublime preço cabe em verso .

## VI.

## VI.

Facunda Erato , novamente influe  
 Na minha voz harmonicos accentos ;  
 Outra vez ao meu canto restitue ,  
 Do sublime louvor os pensamentos :  
 O choro do Permeffo naõ me argue ,  
 De repetir da terra os movimentos ;  
 Mas agora depondo estas memorias ,  
 Exporei de Ulyssea as suas glorias.

## VII.

Cantarei de Jozé a maõ potente ,  
 Já do montaõ das cinzas levantando ,  
 A Cidade infeliz , que o fogo ardente ,  
 Deixara os alicerces fumegando :  
 Cantarei hum Heroe , sábio , e prudente ,  
 Que as violencias do Fado dominando ,  
 Mudando o triste aspecto á Monarquia ,  
 Troca a funesta sombra em claro dia.

## VIII.

## VIII.

Depois daquelle dia taõ terivel,  
 Em que Lisboa em chamas se abrazava,  
 O grande Rei, ás penas taõ sensivel,  
 Só seus tristes Vassallos lamentava :  
 Parece adulaçao , parece incrivel ;  
 Mas he verdade pura , que buscava ,  
 Sem susto do perigo , nem receios ,  
 Para acudir ao Povo os promptos meios.

## IX.

Da sua vida amavel se esquecia  
 Só por dar o remedio prompto , e justo ;  
 Seu espirito impavido abatia ,  
 Pelo exemplo as impressoens do susto :  
 No seu Regio semblante naõ se via ,  
 Mais que brilhar o coraçao Augusto ,  
 Incontraстavel , firme , penetrante ,  
 Dava mil providencias n'hum instante.

## X.

Naó ficou cóusa alguma sem cautélas,  
 A abundancia dos viveres foi rara,  
 Puzeraõ para os roubos sentinellas,  
 E tudo com disvelo se repara :  
 Senaõ tem o Soberano as luzes bellas,  
 A quantos a penuria devorara !  
 Mas foi de mantimentos tanto o excesso ,  
 Que se venderaõ pelo menor preço.

## XI.

Já vejo entre as ruinas levantar-se ,  
 Da famosa Lisboa a face bella ,  
 E taó gentil ao mundo apresentar-se ,  
 Qual entre os Astros a brilhante Estrella :  
 E tanto que no ar pode elevar-se ,  
 As calcinadas cinzas atropella ,  
 No seu sobrano vulto se divisa ,  
 O Magestoso Imperio com que as piza.

## XII.

## XII.

Seus fulgentes cabellos entrançados ,  
 Com festoens matizados de mil cores ,  
 De perolas com ouro recamados ,  
 Dos quaes inveja o Sol os resplandores :  
 De preciosas gemas adornados ,  
 Que os olhos naõ supportaõ seus fulgores ;  
 De purpureos rubins hum colar fino ,  
 Coroa de ouro , e Sceptro diamantino .

## XIII.

Mais preciosas télas traz vestidas ,  
 Do que entraraõ da Deosa na contenda ;  
 Quando de Arachne , as suas taõ subidas ,  
 Fizeraõ com que o fio hoje a suspenda :  
 De Portugal as armas taõ luzidas ,  
 Sobre o manto bordou , arte stupenda ,  
 Na qual se vê do Artifice os disvelos ,  
 Esmaltadas as quinas , e os Castellos .

## XIV.

Ella correndo vai ao Regio Throno ,  
 Porque a gratidaõ constante seja ,  
 Ao seu Restaurador ao seu Patrono ,  
 E prostrada aos seus pés , a maõ lhe beja :  
 Altissonas Cançoens , em seu abono ,  
 Cantou suavemente porque seja ,  
 Sempre taó permanente a sua graça ,  
 Como foi cuidadoso na desgraça .

## XV.

Monarca invicto , que do Sólio Augusto ,  
 Lhe diz , lançais para taó longe os raios ,  
 E que da fria plaga ao monte adusto ,  
 Chegaõ as vossas luzes sem desmaios :  
 Vós que me resgataste o cruel susto ,  
 Que tive da desgraça nos ensaios ,  
 Conservai , grande Rei , taó alta gloria ,  
 Que immortal vos fará na longa Historia .

## XVI.

## XVI.

Os meus ardentes membros lacerados ,  
 Vós com benigna maó resuscitastes ;  
 E qual Fenis dos Troncos abrazados ,  
 Me fizestes sahir , vós me elevastes :  
 Applicai sobre mim alguns cuidados ,  
 Já que das negras cinzas me tiraistes ;  
 E se fui pelo Mundo taõ famosa ,  
 Juntai ao meu respeito , o ser formosa .

## XVII.

Vós o podeis fazer , que os Reis Sobranos  
 Saõ nas suas acçoeens taõ portentosos ,  
 Que sendo adoraveis quando humanos ,  
 Saõ huns Deoses da terra os virtuosos :  
 Elles o escudo saõ dos grandes damnos ,  
 O reparo dos casos lastimosos ,  
 Como agora se vio nessa clemencia ,  
 Em que mostrastes taõ sublime effencia .

## XVIII.

## XVIII.

Lançai , lançai os olhos compassivos ,  
 Sobre a vossa Cidade dezolada ;  
 Que tem de compaixaõ outros motivos ,  
 Que nunca mereceo , Troya abrazada :  
 Nella arderaõ Pagódes excessivos ,  
 Da torpe Idolatria , depravada ;  
 E esses montoens de pedra , que alli vedes ,  
 Saõ dos Templos Sagrados as paredes.

## XIX.

As Casas do Senhor , onde o seu culto ,  
 A Catholica Fé lhe consagrava ,  
 Hoje azilo de horror , capaz de insulto ,  
 O seu santo respeito se lhe agrava :  
 Por entre as suas pedras insepulto ,  
 Jaz o que as funçoens exercitava ;  
 Porque a chamma cruel , devoradora  
 Os seus corpos respeita , e naõ devóra.

## XX.

## XX.

Vede nos campos , a dispersa gente ,  
 Que por fracas cabanas se accommoda ,  
 Já soffrendo do Sol , o raio ardente ,  
 Já do frio Nordeste a furia toda :  
 Vejo , vejo , que a vossa maõ clemente ,  
 Fez parar da desgraça a triste roda ;  
 Pois , que das feias cinzas me tiraistes ,  
 E taõ brilhante ao mundo me mostrastes .

## XXI.

Fazei grande JOZE<sup>o</sup> o que vos dicta ,  
 Aquella Alma sublime , que em vós mora :  
 Essa grandeza Real , que vos incita ,  
 Que em vosso coraçao mais se melhora :  
 Vejo em roda de mim , gente infinita ,  
 Que lagrimas de gosto alegre chora ;  
 Pois no meu explendor se lhe figura ,  
 Ser hum feliz persagio da ventura .

## XXII.

## XXII.

Disse , e o meu grande Heroe , que no aspecto  
 Ostenta a gloria , que no peito ardia ,  
 Para dar mais valor ao seu affecto ,  
 E encher os seus Vassallos de alegria :  
 Tu naõ vez , Ulyssea , o meu objecto ,  
 Lhe disse , nos montoens de pedraria ?  
 Tu naó vez esses grossos cabrestantes  
 Gemendo com os pezos importantes ?

## XXIII.

Tu naõ vez de Officiaes a copia densa ,  
 Que das obras dispoem os seus preparos ;  
 Outros ferrando já madeira immensa ,  
 Outros pondo ás ruinas seus reparos ?  
 Tu a gente naõ vez , que está suspensa  
 Vendo parada , marmores taó raros ,  
 Que precisaõ de maquinas disformes ,  
 Para mover seus pezos disconformes ?

## XXIV.

## XXIV.

Ouve a seleusma com que os marinheiros ,  
 Essas monstruosas vigas descarregão ,  
 Sobre os possantes barcos Cassilheiros ,  
 Que en continuo transporte naó socegaõ :  
 Olha quantos navios Estrangeiros ,  
 Que aos pórtos do Baltico navegaõ ;  
 Que huns da comprida taboa daõ descargas ,  
 Outros do ferro as impilhadas cargas.

## XXV.

Tu verás Ulysses em tempo breve ,  
 Que a perfida desgraça affugentando ,  
 Aquelle amor ardente , que me deve  
 O meu Povo , lhe irá o mal trocando :  
 Verás que nunca mais ella se atreve ,  
 Os meus ternos cuidados respeitando ;  
 E que serás no Mundo celebrada ,  
 Sobre todas as mais famigerada.

## XXVI.

O grande Rei naõ falta ao promettido ,  
 Como do seu Real sangue se esperava ;  
 Mas da sua grandeza persuadido ,  
 Huma nova Cidade edificava :  
 Magnifica , formosa , e taõ subida ,  
 Na Arte da Structura se mostrava ;  
 Que serviria o seu prospecto raro  
 De pasmo a Phidias , suspensaõ a Pháro.

## XXVII.

Já sobre as cinzas da geral fugueira  
 As nitidas cabeças levantando ,  
 Cingidas da pacifica Oliveira ,  
 Estaõ os Sagrados Templos dominando :  
 Padeceraõ a ruina derradeira ;  
 Mas a sua fortuna melhorando ,  
 A fragancia do fumo dos Altares ,  
 Enche o vasio dos immensos ares.

## XXVIII.

## XXVIII.

Do Téjo sobre as agoas crystallinas ,  
 Como em claros espelhos se estaó vendo ,  
 Nobres Palacios , obras peregrinas ,  
 As antigas Romanas excedendo :  
 Das lastimosas , horridas ruinas ,  
 Parece que de novo renascendo ,  
 Mostra da face alegre o apparato  
 De magnificas pedras grande ornato .

## XXIX.

O meu Heroe , que a mesma natureza  
 Mostrou querer vencer , com beneficios  
 Por hum puro effeito da grandeza ,  
 Deu nova arquitetura aos edificios ,  
 Dos montes suspendeo com rara impreza ,  
 Suas pezadas massas , sem indicios ,  
 De poderem já mais mostra-se oppostos ,  
 Aos seus humildes valles fotopostos .

## XXX.

Sua rude aspareza , abate , e doma ,  
 Fazendo-she caminhos praticayeis ,  
 Mandou abrir de ruas grande somma ,  
 Commodas , vistosas , e agradaveis :  
 As obras subterraneas , que de Roma  
 Deixaraó seus Tribunos memoraveis ,  
 Paralelo naõ tem , nem se comparaó ;  
 Com as que na Cidade edificaraó .

## XXXI.

Risonhas praças , nobres , e elegantes ,  
 Nas quaes respira o gosto , e o recreio ;  
 E para dar prazer aos habitantes ,  
 Hum frondoso magnifico passeio :  
 As suas Regias idéas vigilantes ,  
 Sem susto de despeza , nem receio ,  
 Fazendo-se immortaes para a memoria ,  
 Enchem o seu coraçao de immensa gloria .

## XXXII.

## XXXII.

Naõ parecia ser tempo opportuno ,  
 Para se embaragar de outros cuidados ;  
 Porém já dê Minerva o sábio alumno ;  
 Todos acha ao seu genio limitados :  
 Sobre as verdes espadoas de Neptuno ,  
 Se observaõ muitos vasos ancorados ;  
 Porque ao passo , que a Cidade fórmâa.  
 A marinha cançada se refórma.

## XXXIII.

Nos Arcenaes confunde-se o massâme ,  
 Muitas Náos formidaveis se fabricaõ ;  
 Já huns cozem no rispido vellame ,  
 Outros a mil manobras se dedicaõ :  
 Qual das abelhas racional enhame ,  
 A diversos trabalhos já se applicaõ ;  
 Estes do alcatraõ enchem panellas ,  
 Aquelle sôbem a infunar as vélas.

## XXXIV.

## XXXIV.

O ar nos duros couros incerrado,  
 Sahindo com impulso repetido ,  
 Deixa o terreo carvaõ logo abrazado  
 Pela força do vento compellido :  
 O estrondo que fazem compassado ,  
 Em igual movimento , convertido ,  
 Dando ao descânço hum enganoſo atalho ,  
 Inflúe a suavidade no trabalho :

## XXXV.

Já na vulcanea , calida fornalha ,  
 Se inflamma da espada o ferro agudo ;  
 Já se incadêa a temperada malha ,  
 E a burnida lamina do escudo :  
 Alli se ensaca a horrida metralha ,  
 E acolá com cauteloso estudo ,  
 Se derrete nas concavas caldeiras ,  
 Mortifero metal para as roqueiras.

## XXXVI.

## XXXVI.

Naó embaraçaõ as obrãs da Cidade ,  
 Ao meu invicto Heroe , outros objectos ;  
 Pois do seu coraçao a immensidate ,  
 He bem fecunda em sólidos projectos :  
 Por conservar do Reino a Magestade ,  
 Os caminhos destina os mais selectos ,  
 Inflammando-se o seu amante peito ,  
 Dos Vassallos na gloria , e no respeito .

## XXXVII.

Poem em outro pé a tropa diminuta ,  
 Enchendo por cautela os Regimentos ;  
 Porque d'outra Potencia resoluta ,  
 Naô lhe fizessem sombra os movimentos :  
 O belico manejo se executa ,  
 Tudo correspondendo aos seus intentos ,  
 Fazendo emulaçao a toda a Europa  
 A mais guerreira , mais formosa tropa .

## XXXVIII.

## XXXVIII.

Suas bandeiras facudindo os ares  
 Sobre vistosas respeitaveis quilhas ,  
 Hum novo freio poem aos altos mares ,  
 Assombrados de tantas maravilhas :  
 Do Bronze as longas peças singulares ,  
 Sahindo das pintadas escotilhas ,  
 Fizeraó que as bandeiras mais ufanas ,  
 Recebessem a Ley das Lusitanas:

## XXXIX.

Huma nuvem escura , tenebrosa ,  
 Quiz oppor-se do Sol aos resplendores ,  
 Terrifica cruel caleginosa ,  
 E cheia de maléficos ardores :  
 Mas a sua presença Magestosa ,  
 Decipando os influxos , e os vapores ,  
 Com os brilhantes raios a incapella ,  
 Mostrando a sua face ainda mais bella.

## XL.

## XL.

De venenosas gralhas denso bando ,  
 Estendiaõ as azas uniformes ,  
 Só para ver se as luzes apagando ,  
 Occultavaõ seus vultos disconformes.  
 Logo o Astro fulgente penetrando ,  
 O centro destas sombras , sempre inormes ;  
 Elle abate , aniquilla , poem por terra ,  
 E dos perfidos ninhos as desterra.

## XLI.

Já tremolando as invenciveis quinas ,  
 Hum formidavel Exercito marchava ,  
 As Transtaganas áridas campinas ,  
 Já de gentes guerreiras povoava.  
 Tropas valentes , só de vencer dignas ,  
 Com as quaes o inimigo se aterrava ;  
 Já tremendo a esquadras estrangeiras ,  
 Só de verem no ar nossas bandeiras.

## XLII.

Já aquellas Naçoens beligerantes ,  
 A que estes movimentos competiaõ ,  
 Temendo as nossas gentes arrogantes ,  
 O tratar-se de pazes pertendiaõ :  
 E os mesmos , que empenho tinhaõ dantes  
 Em declarar a guerra , desistiaõ ;  
 Tanto pode o seu nome , e o seu respeito ,  
 Que fez mudar a todos de conceito.

## XLIII.

Elle dispoem da paz os seus tratados ,  
 Ao seu prudente arbitrio se conformaõ ,  
 Os Capitulos logo saõ firmados ,  
 E as gentes inimigas se reformaõ.  
 Conservou o meu Rei , os seus soldados ,  
 Que huma formosa tropa sempre formaõ ,  
 Procurando o respeito á Monarquia ,  
 Que famosa no mundo pertendia.

## XLIV.

## XLIV.

Ainda dos benefícios naõ contente ,  
 Que amante dos seus póvos lhe fazia ,  
 Sábio Legislador , doucto , eminente ,  
 Novas Leys faudaveis lhe erigia :  
 O Reino a quem amava ternamente ,  
 Taõ ardentes disvelos lhe attrahia ;  
 Que outro antecessor por bom que fosse ,  
 Nunca para os Vassallos foi taõ doce .

## XLV.

Que gráos de gloria , na Divina face  
 Naõ tem o grande Rei , sendo o primeirõ  
 Que livre quiz fazer quem livre nasce ,  
 Quebrando o duro ferro ao cativeiro ?  
 O que na Santa Ley , vive , e renasce ,  
 He ingenuo Christão , he verdadeiro ;  
 E áquelleles que o baptismo regenéra ,  
 Fica a escravidaõ , horrenda , e fera .

## XLVI.

A quantos mil livrou do triste jugo  
 D'hum Senhor implacavel , duro , austero ,  
 Barbaro sem piedade atrós verdugo ,  
 Com desgraçadas victimas sevéro :  
 As lagrimas dos olhos naõ enhúgo ;  
 Effeitos dignos daquelle amor sincero ;  
 Como hum taõ bom Monarca persuade ,  
 A lembrança , a ternura , e a saudade .

## XLVII.

Já vejo a sabedoria coroada ,  
 Sobre o Throno em aurifera cadeira ,  
 De outras muitas Sciencias rodeada ,  
 A quem ella influiu a luz primeira :  
 Hum sceptro de ouro , de obra delicada ,  
 Mostrava aquella insignia verdadeira ,  
 Que lhe deu o Monarca sem segundo  
 Para ser respeitada em todo o mundo .

## XLVIII.

## XLVIII.

A caterva apinhoada de infinitos  
 Alumnos lhe faziaó seu cortejo ,  
 Huns ostentando alegres seus escritos ,  
 Outros na applicaçao o seu desejo :  
 Todos com grande ardor de ser piritos ,  
 A doutrina mostrando amor subejo ,  
 Do grande Rei , louvavaó a ternura  
 Que elevára a sciencia a tanta altura.

## XLIX.

Quiz fazer de Coimbra nova Athenas ,  
 Para o que lhe dispoz todas as partes ,  
 Onde as letras florecem taó amenas ,  
 Quanto saó excellentes suas Artes.  
 Lá se vem habitar doutas Camenas ,  
 Alli Neutom , Copernico Descartes ,  
 As antigas , e modernas Filosofias  
 Mathematicas Leys , e Theologias.

## L.

Direito Patrio , Canones Sagrados ,  
 As lingoas mortas , e toda a Medicina ,  
 Em tudo os Estudantes empregados ,  
 Bebem de insignes Mestres a doutrina :  
 Estes do meu Heroe os seus cuidados ,  
 Que ás vantagens do Reino só destina ;  
 E delles conseguiu o grande nome ,  
 Que o tempo gastador nunca confome .

## LI.

Foi do grande Jozé taõ forte o empenho ,  
 De fazer respeitada a luza gente ;  
 Que já riscando em Principe o dezenho ,  
 Quando Rei o mostrou taõ claramente :  
 O seu Povo naõ tendo desempenho ,  
 Com que pagar aquelle amor ardente ,  
 Quiz que ficasse sempre á sua vista  
 A memoria , que aos tempos lhe resistá .

## LII.

## LII.

Nunca no Reino houveraõ estas idéas  
 No tempo d'outros Reis , de grande fama ,  
 Da sua imaginaçao eraõ alhêas ,  
 Por naõ terem de amor taõ grande chamma :  
 Nas Cidades , nas Villas , nas Aldêas ,  
 Seu nome ternamente o Povo acclama ;  
 Com huma só Estatua lhe parece ,  
 Pequeno sacrificio ao que merece.

## LIII.

Bem podemos dispor , grande Rainha ,  
 Huma nova Estatua , hum obelisco ;  
 E já o nosso affecto razaõ tinha ,  
 De maquinas armar , fazer-lhe o risco :  
 Mas aquella , que ao nome vos convinha ,  
 Deve chegar do Sol ao claro disco ;  
 Pois a que o nosso amor já vos destina ,  
 He a que mereceis ter como Heroina.

## LIV.

Cantei do grande Rei Jozé Primeiro,  
 Rezumidas acçoeis com debil Muza ;  
 Que o amor de Vassallo verdadeiro ,  
 Deste culto devido naõ m<sup>r</sup>escusa :  
 Tambem do Egregio Rei Pêdro Terceiro ,  
 Pelo naõ ter cantado já me accusa  
 O affecto , e a razaõ ; mas brevemente  
 A lyra affinarei bem diligente.

## LV.

Humilde , e reverente , ao Regio Throno  
 Me prostro , e estes versos vos offereço ,  
 Com elles o meu grato amor abono ,  
 Supposto taó indigno me confessô :  
 E se tem o grosseiro desabono ,  
 Que eu no meu estilo rustico conheço ,  
 A voz do coraçaõ pura , e sincera  
 Cantára o meu Heroe como deyera.







